

AS CONQUISTAS MILITARES DE OTAVIANO NA NUMISMÁTICA: O EGITO, A PROVÍNCIA ASIÁTICA E A MEMÓRIA DE MARCO ANTÔNIO.

Luiz Henrique Souza de Giacomo*

Resumo: Otaviano se utilizou de diversos suportes como vetores discursivos no intuito de propagar suas ações na cena pública romana. Com a numismática não foi diferente. O período histórico no qual ele se inseriu viu uma mudança na forma de se utilizar o espaço das moedas como lugares propícios a inscrição, através de uma linguagem simbólica simples, de mensagens diversas, geralmente com cunho cívico/político. Nossa proposta é tomar como análise duas peças numismáticas, uma em comemoração a conquista militar do Egito e outra em homenagem a reconquista da província asiática. E a partir delas demonstrar a preocupação dada por Otaviano a esses objetos como propiciadores da difusão de várias mensagens ao povo, tanto em Roma, como nas províncias – sobretudo no que diz respeito ao seu antigo rival, Marco Antônio – e como espaços de legitimação de seu poder.

Palavras-chave: Numismática; Otaviano; Marco Antônio.

THE OCTAVIAN MILITARY CONQUESTS OF OCTAVIAN IN THE NUMISMATICS: THE EGYPT, THE ASIAN PROVINCE AND THE MARK ANTONY MEMORY.

Abstract: Octavian had used many supports as discursive vectors in order to propagate his actions in the Roman public scene. With numismatics it wasn't different. The historical period in which he was inserted saw a change in the way of using the space of the coins as

* Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo. E-mail para contato: luizhgiacomo@usp.br.

appropriated places for the inscription, through a simple symbolic language, of diverse messages, usually with a civic/political feature. Our proposal is to take as analysis two numismatic pieces, one in commemoration of the military conquest of Egypt and another in homage to the reconquest of the Asian province. And from them demonstrate the Octavian's preoccupation had to these objects as propitiators of the diffusion of several messages to the people, either in Rome, as in the provinces – mostly concerning to his old rival, Mark Antony – and as spaces of legitimation of his power.

Keywords: Numismatics. Octavian. Mark Antony.

Como todos bem sabemos, as moedas são importantes suportes de difusão de ideias e ideais, significativos espaços de expressão, de inscrição, mesmo que por meio de uma linguagem simbólica, de discursos políticos e mensagens cívicas, ainda que hoje isso não nos pareça tão evidente. Por possuírem uma relativa acessibilidade a públicos diferenciados na esfera social, elas acabaram se tornando, a partir do último século da República, instrumentos nas mãos dos generais aristocráticos em sua luta pelo poder das magistraturas republicanas¹. Vemos surgir, cada vez mais, temas ligados às personalidades mais importantes da estrutura republicana, em detrimento de temáticas coletivas voltadas para o corpo cívico romano, como era comum nos períodos anteriores da República desde que a moeda passou a ser mais amplamente utilizada entre os romanos².

Visualizamos isso dentro do contexto geral gerado pela expansão das fronteiras romanas após as Guerras Púnicas (264-146 a.C.), em que o sistema político romano acabou por se mostrar obsoleto em alguns pontos, sendo, desse modo, forçado a passar por adaptações à nova situação vigente nos séculos II e I a.C., na qual os magistrados romanos não tinham mais que gerir a administração da cidade de Roma ou do Lácio, mas sim de quase

¹ Esses generais aristocráticos se utilizavam desses objetos como forma de pagamento de seus exércitos, para além da divisão do butim ou do pagamento em terras, o que fez com que aumentasse a circulação dessas peças monetárias e criou o espaço do anverso e do reverso como espaços discursivos.

² Não foi somente a numismática que sofreu esse processo de individualização da imagem, se assim pudermos denominar, com um maior destaque da representação de temas ou retratos individuais do que daqueles ligados a coletividade. O mesmo processo é visível na profusão de estátuas de membros da elite senatorial ou de generais romanos, o que causava menos referências ligadas ao *populus* romano, ou de construções ligadas a determinadas pessoas. Cf. GALINSKY, Karl. *Augustan culture: an interpretive introduction*. New Jersey: Princeton University Press, 1996. p.333-337; ZANKER, Paul. *The power of images in the age of Augustus*. Ann Arbor: The University of Michigan Press. 1988. p.5-31.

toda a bacia do Mediterrâneo. Otaviano, nosso personagem em questão, se insere nessa conturbada cena política de adaptação da República, sendo o político que melhor foi capaz de ‘dotar’ a sociedade romana de uma nova estrutura de poder e de um novo espírito³. No entanto, essa nova estrutura, o Principado, não foi apresentada como algo novo, e sim como um projeto de reestruturação da antiga República romana. Otaviano argumentava que detinha seu poder por sua *auctoritas*⁴, advinda de sua ação como homem político, e não da usurpação do poder dos magistrados republicanos. Seu discurso era o de que ele estava efetuando a restauração da República, visando o bem ‘do Senado e do povo romano’ acima de suas próprias ambições políticas. Contudo, o que observamos é que o seu discurso e suas ações não estiveram em completa sintonia, visto que, na verdade, o que se estabeleceu foi o governo de um único homem sob a estrutura da antiga República.

Os contemporâneos de Otaviano acreditavam que a República estava passando mais uma vez por mudanças, como muitas das que já haviam ocorrido durante a história romana, porém, mesmo assim, acreditavam que ainda viviam sob a égide ‘do Senado e do povo romano’. A imposição de Otaviano no cenário político romano foi um processo gradual, no qual aos poucos a antiga República foi absorvendo o príncipe em sua esfera administrativa, visto o Principado ter sido construído ao longo do tempo, não sendo fruto de um planejamento prévio⁵. Desse modo, vemos o principado de Augusto⁶ como uma fase de transição, de adaptação da cidade-Estado romana à sua nova condição mediterrânica, a de um império, no qual o poder deveria se concentrar nas mãos de um homem e ser estabelecido em todo seu território de forma mais sistemática.

³ ALFÖLDY, Géza. *A história social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989. p. 109.

⁴ *Res Gestae*, VI, 34.

⁵ EDER, Walter. Augustus and the power of tradition. In: GALINSKY, Karl (org.). *The Cambridge companion to the Age of Augustus*. New York: Cambridge University Press, 2005. p.16-17. GALINSKY, Karl. *Op. Cit.*, p.71.

⁶ Aqui cabe algumas considerações quanto ao nome que utilizamos para nos referir ao primeiro imperador romano. Os historiadores se referem ao homem que conhecemos como Augusto de diversas maneiras. De acordo com Mireille Corbier, “o personagem que os historiadores chamam, por convenção, de Otávio, antes de 44, de Otaviano, de 44 a 27, e de Augusto, de 27 a.C., até sua morte em 14 d.C., nascido C(aius) Octavius, tornou-se, por adoção testamental, C(aius) Julius Caesar Octavianus” CORBIER, Mireille. Poder e parentesco: a família Julio-Claudia. *Clássica*. São Paulo. 1992/1993, 5/6. p.169. Adotamos, assim, Otaviano para nos referirmos ao homem que surgiu na cena política republicana após a morte de César e Augusto para o já *princeps*, depois da seção do Senado, em 27 a.C., na qual lhe foi concedido o título de *Augustus*. De acordo com a data de cunhagem das duas peças, o nome apropriado que deveria ser utilizado por nós seria Otaviano, porém, para que não haja um excesso de denominações, preferimos manter Otaviano para todo o texto a não ser para questões pontuais em que nos referimos à fase posterior a 27 a.C.

No interior desse cenário, Otaviano se utilizou de discursos, tanto contra seus adversários, sobretudo Marco Antônio, mas, principalmente, a favor de si próprio, através de moedas, estátuas, construções e textos, para construir as imagens do ‘eu’ e do ‘outro’⁷. Tal artifício era importante para a efetiva implantação do Principado, ou seja, para a ‘restauração da República’, de acordo com o próprio. Imagens são difíceis de mudar e de se manter⁸, mas no seu caso era necessário apagar a imagem negativa do período do Triunvirato para se colocar como o homem virtuoso enviado pelos deuses para restabelecer a *libertas* republicana⁹ e trazer, como cantado por Virgílio, a ‘época de ouro’ ao Lácio¹⁰. A numismática foi um dos principais vetores de transmissão dessa imagem ‘virtuosa’ de Otaviano¹¹, principalmente pela sua mais fácil circulação e acessibilidade dentro do corpo civil e social romano, sobretudo fora da península Itálica. Os outros meios de difusão de mensagens eram mais centrados na própria *Urbs* ou na península, além de exigirem, muitas vezes, um determinado pré-conhecimento, como o da língua latina. As moedas não, elas passavam de mãos em mãos, obviamente que de modo não tão generalizado como podemos pensar, tomando como base nosso mundo capitalista e monetário de hoje, mas de uma forma não tão restrita quanto os outros suportes¹².

Dentro desse contexto de utilização da numismática como um suporte político¹³ e da acessibilidade de muitos romanos com as ideias difundidas através desse pequeno objeto da

⁷ O cenário político romano no século I a.C. pode ser observado como um ambiente de equilíbrio de forças no qual Otaviano, primeiramente com Marco Antônio, posteriormente como príncipe, buscou se consolidar, sendo a cena política estruturada em uma teatrocrazia, como George Balandier propõe, com os personagens políticos fazendo parte desse jogo em torno do poder (BALANDIER, 1980, p.5-10). Muitas vezes, o ‘outro’ não se dá necessariamente com uma criação pejorativa. A própria valorização do ‘eu’ já é um processo muito significativo.

⁸ GOODMAN, Martin. *The Roman world (44 BC – AD 180)*. New York: Routledge, 1997. p.124.

⁹ GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Lisboa: Edições 70, 2008. p.20; e YAVETZ, Zvi. The res gestae and Augustus’ public image. In: MILLAR, Fergus; SEGAL, Erich. *Caesar Augustus: seven aspects*. New York: Clarendon Press, 1984. p.1-3.

¹⁰ VIRGÍLIO, *Eneida*, VI, 813-835.

¹¹ Em 19 a.C., a capacidade de se cunhar moedas de ouro e prata foi centralizada pelo príncipe, quando da reforma da magistratura do *tresviri monetales*, cabendo ao Senado apenas a cunhagem das moedas de bronze. No entanto, esse controle de Augusto ia além, pois ele era o responsável por indicar os moedeiros e ainda detinha um grande controle das finanças romanas, o que limitava a ação senatorial nesse campo. A marca SC (*senatus consultum*) presente nas moedas simbolizava essa cunhagem pelo Senado, assim como na época republicana.

¹² Tanto que as moedas são uma das formas mais comuns de se conhecer o rosto dos imperadores em regiões mais afastadas de Roma onde o governante não ia e também suportes que pouco sofreram com as ações de *damnatio memoriae* impostas a alguns governantes.

¹³ Cabe conferir a análise realizada por Paul Zanker sobre as séries programáticas de moedas de Otaviano, onde o autor apresenta outras peças numismáticas e estuda o contexto geral de produção e divulgação destas. Cf. ZANKER, Paul. *Op. Cit.*, p.53-57.

cultura material, decidimos propor a análise de duas peças numismáticas para lançarmos luz sobre a época de Otaviano. Contudo, a escolha por essas duas moedas não é aleatória, muito pelo contrário. A seleção destas para este pequeno estudo de caso se baseia no objetivo de se fazer um tipo específico de interpretação da busca de Otaviano em difundir mensagens junto ao corpo cívico romano e àqueles que estavam em direto contato com estes em todo o Mediterrâneo, não apenas na *Urbs* ou na península Itálica, de cunho propriamente político, não apenas de engrandecimento de uma vitoriosa ação bélica¹⁴. Outras conquistas militares poderiam ter sido selecionadas como objeto de nosso estudo sobre a representação dos feitos na esfera militar de Otaviano na numismática, como, por exemplo, a vitória na Armênia (RIC 0518); a própria representação do triunfo de *Actium* (RIC 0267); a reconquista dos estandartes romanos sob posse dos partas (RIC 0105a), objetos que foram alvo de missões militares até a Partia, mas que em um confronto militar aberto acabaram sendo perdidas pelos romanos, e recuperadas por Augusto através de sua ação diplomática¹⁵; ou mesmo, a representação da pacificação da Ásia, algo possível apenas a partir de uma campanha militar vitoriosa (RIC 0476)¹⁶.

Buscamos aqui ver como uma determinada mensagem, ligada a uma memória militar, ou seja, a vitória em *Actium*, foi transmitida, porém, sob um enfoque específico por Otaviano. Mais do que o confronto ou a vitória em si, nos interessam outras questões intimamente ligadas a esse contexto e cruciais para a esfera política e para o fortalecimento da *auctoritas*

¹⁴ A necessidade de se preservar a memória de ações bélicas, independente de se positiva ou negativa, se devia ao grande prestígio dado a esse campo de saber no interior do mundo romano. A capacidade militar não era algo ligado a um único setor da sociedade romana, visto o exército romano ser constituído por cidadãos romanos de todos os estratos da hierarquia social, mesmo após a instituição do Principado, quando o exército passa a ser pago pelo 'Estado'. Também não podemos nos esquecer que as principais magistraturas da República, o consulado e a pretura, possuíam membros investidos do *imperium*, o que dava ao magistrado a capacidade de comando militar. Desse modo, era uma etapa da educação dos aristocratas romanos também o campo de batalha, pois a glória romana era conseguida não apenas pelo campo da oratória, mas também através de uma boa condução dos estandartes romano no campo de batalha. O chefe militar era tomado como um *exemplum* para os demais, pois suas ações se davam em prol da *Urbs* e da *ciuitas* romana, permitindo a segurança de Roma e a conquista do mundo.

¹⁵ *Res Gestae*, V, 29.

¹⁶ Apesar de no corpo do trabalho utilizarmos as referências numismáticas do famoso catálogo de moedas do British Museum, *The Roman Imperial Coinage (RIC)*, tomo I, sob organização de MATTINGLY, H., SYDENHAM, E. A. e SUTHERLAND, H. V., sobretudo por uma questão acadêmica, devido ao fato do referido catálogo ser amplamente conhecido e, mais do que isso, ser um referencial para o estudo de numismática, as imagens das moedas aqui reproduzidas foram retiradas de um site da internet. Disponível: <<http://www.wildwinds.com/coins/ric/augustus/i.html>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

de Otaviano. A proposta é analisar como se deu a transmissão de uma mensagem de conquista do Egito e de reconquista da província asiática, regiões ligadas a Marco Antônio.

Como argumenta Paul Zanker, essa política difamatória contra Marco Antônio não poderia ser tão direta¹⁷. Ora, os antigos partidários de Marco Antônio eram cidadãos romanos, ligados as esferas militares e civis e deveriam ser reinseridos dentro da lógica republicana da *Urbs*, o que não seria facilitado por uma ampla e aberta difamação do antigo triúviro. Tanto que os próprios símbolos de poder de Augusto eram ligados a elementos pessoais ou a sua principal vitória militar, *Actium*, e não propriamente elementos de oposição a Marco Antônio de forma mais clara, como é o caso do título *Augustus*, da *corona cívica* e do *clupeus virtutis*¹⁸. E também não podemos nos esquecer que Otávia, irmã de Otaviano, fora casada com Marco Antônio e tivera filhos com ele, o que significa que estes pertenciam a *domus Augusta*, sendo, portanto, estranho criar memórias negativas que poderiam ser usadas contra sua própria família.

No entanto, o tema de *Actium* esteve presente na paisagem urbana de Roma. Segundo Paul Zanker, a Roma desse período foi ornamentada por Augusto e tudo era repleto de referenciais arquitetônicos de temas náuticos, o que remetia a *Actium*. É o caso da rostra no Fórum e do templo de Saturno em que eram visíveis tristões, delfins e partes de navios. A deusa Vitória também foi bastante usada em representações de Augusto para se remeter a *Actium*¹⁹, sobretudo na numismática.

Desse modo, buscamos observar como as mensagens de crítica a Marco Antônio e de construção de uma memória sobre esse tema (evento e personagens) foram construídas em suporte numismático, analisando o tipo de moeda escolhido e os elementos simbólicos mobilizados na construção do referido discurso, além do período em que foram cunhadas. Ambas são muito elucidativas para se estudar a importância desses dois feitos para a carreira política de Otaviano – e, conseqüentemente, também para o povo romano – e como se buscou difundir uma imagem de tais momentos.

Uma primeira questão que destacamos para observar estes dois objetos é: quais são as mensagens a serem transmitidas por estas duas moedas? Ora, tal questionamento é um

¹⁷ ZANKER, Paul. *Op. Cit.*, p.82.

¹⁸ *Res Gestae*, VI, 34.

¹⁹ ZANKER, Paul. *Op. Cit.*, p.79-100.

pontapé inicial e essencial. Uma primeira forma de buscar entender como estes dois objetos fizeram parte da dinâmica imagética de Otaviano num contexto geral e no interior da própria numismática. Como as duas peças deveriam ser interpretadas pelos romanos ou provinciais em seu tempo? Interessa-nos mais um olhar sobre estas moedas como objetos de cultura material, compreendendo suas dimensões nas relações sociais possibilitadas, do que como meros espaços artísticos²⁰.



Imagem 1: Moeda de Otaviano em homenagem a reconquista da Ásia (RIC 0276);
- quinário de prata;
- cunhada entre 28 e 26 a.C.;
- *Anverso*: CAESAR IMP – cabeça de Otaviano;
- *Reverso*: ASIA RECEPTA – Vitória sobre uma cista;

A primeira moeda, a em homenagem a reconquista da província asiática (**imagem 1**), é extremamente expressiva, sendo um grande instrumento para nossa análise sobre o cunho político da difusão de mensagens em moedas. Primeiramente, esta peça é importante como um veículo de difusão de um ideal de reconquista da província asiática, o que observamos a partir da legenda *RECEPTA* (recapturada) no reverso. E o uso desse termo é muito interessante para o contexto histórico em que *Actium* se insere. Marco Antônio, através das doações de Alexandria, em 34 a.C., havia legado à Cleópatra e aos seus filhos com esta rainha, bem como também a Cesário, todas as possessões orientais romanas que estavam sob seu

²⁰ Maria Beatriz Florenzano reforça essa dificuldade de conseguirmos compreender o que estava por trás da elaboração de determinadas chaves interpretativas das mensagens difundidas pelas moedas. Contudo, como a autora aponta, os responsáveis pela cunhagem das peças conheciam muito bem como se operavam essas leituras e, com base nisso, mobilizavam determinados símbolos para a melhor transmissão da mensagem desejada. FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *Op. Cit.*, n.p..

controle como triúmviro²¹. Além disso, devemos somar a esse pacote o testamento de Marco Antônio, utilizado por Otaviano como estopim para a preparação da guerra contra seu rival, já que este provava sua degeneração dos costumes romanos²² e uma maior inclinação para favorecimento do Egito.

Portanto, mostrar tal ‘vitória’ perante os romanos era uma forma de legitimar as ações e os poderes recebidos por Otaviano para lutar contra Cleópatra – a quem a guerra havia sido declarada – e Marco Antônio. Ser representado enquanto reconquistador significa que ele não apenas venceu, mas reconquistou algo que já era dos romanos, mas que, porém, havia sido doado a estrangeiros de forma ilegal. Dessa maneira, ele fortalece a legitimidade de sua querela contra a rainha Cleópatra, pois ela quem possuiria as possessões territoriais que eram dos romanos, fortalecendo a sua ação em prol da ‘causa romana’.

Além disso, essa peça também simboliza que ele era o único na cena política, uma vez que ao celebrar a reconquista dos romanos de suas possessões orientais, enaltece, obviamente, a própria vitória de Otaviano sobre Cleópatra e seu antigo rival, que além de estar morto havia sido derrotado. Ter vencido em *Actium* trouxe como consequência a retomada de antigas possessões romanas e isso merecia ser homenageado e celebrado. Mas a forma como foi estruturado o discurso é muito mais complexa, pois recapturar remete a um contexto muito mais amplo e mobiliza muitas outras questões, o que catapulta ainda mais a vitória de Otaviano.

Em uma análise das imagens presentes nesta moeda, temos uma representação simples de Otaviano no anverso, sem nenhum adereço e de forma jovial. No reverso, temos a Vitória²³ de asas abertas sobre uma cista mística de Baco²⁴, segurando uma coroa, cercada por duas serpentes, que são os símbolos da Ásia. Nesta face observamos uma procura em se explicitar que Roma, lê-se Otaviano, era superior aos asiáticos, pois um símbolo romano / de Otaviano,

²¹ As províncias orientais se tornam responsabilidade de Marco Antônio após a batalha de Filipos, em 42 a.C., quando houve uma reorganização das posses territoriais entre os três triúmviros. Razão que justifica a viagem de Marco Antônio para a parte oriental do Mediterrâneo e sua relação com os chefes políticos dessa área.

²² SUETÔNIO, *Augusto*, 17.

²³ A Vitória foi uma alegoria recorrente nas moedas de Otaviano, pois era importante reforçar que ele não usurpara o poder, mas que havia feito uma grande ação em prol do ‘Senado e do povo romano’ e que, também, havia restituído o pacto com os deuses.

²⁴ A cista mística era um objeto comum durante as cerimônias de culto ao deus Baco e um símbolo sempre utilizado para se remeter a esse deus. Tanto que Marco Antônio e Otaviano a usam em outras moedas cunhadas por eles. O primeiro em moedas cunhadas em Éfeso (aparece até mesmo numa com Otávia) (RPC I 2201 e 2202) e o último em uma representação da Paz (Pax) na Ásia (RIC 0476).

a deusa Vitória, está sobre um símbolo oriental, a cista mística de Baco, deus ao qual Marco Antônio era frequentemente associado. Quanto à legenda dessa face, temos *ASIA RECEPTA*, o que se põe como significativo, como já apontado, visto que “as moedas com o tipo da Vitória e a legenda *CAPTA* ou *RECEPTA*, transmitem a mensagem política de que os traidores seriam punidos e Roma teria de volta seus antigos territórios”²⁵, o que é bem claro na leitura dessa peça.

Outro elemento dentro dessa chave de leitura é a apresentação de Otaviano como César, *CAESAR*, no anverso, o que pode nos representar um reforço de sua ascendência, visto que era filho adotivo de Júlio César por testamento, em oposição a Marco Antônio, homem de grande prestígio junto ao ditador romano, considerado por alguns historiadores como o seu herdeiro ideológico. Além de ser um reforço com um cunho mais ‘popular’, com o objetivo de aproximar Otaviano das camadas sociais mais inferiores através de sua associação a uma figura muito bem quista pela plebe e pelos veteranos, seu pai adotivo Júlio César, possibilitando um caráter legitimador de sua ação e sua posição social e política. Também temos a legenda *IMP*, que demarca a posse da honra de *imperator* por Otaviano, decorrente da sua vitória militar contra Marco Antônio, o que nos é uma demonstração do poder que Otaviano possuía na época.

A nosso ver, tal peça não tem seu valor apenas monetário ou ‘artístico’. Ela nos é muito importante como um instrumento político de reforço de um feito político-militar. Temos um forte significado nesta peça. A simbologia utilizada pode parecer simples, mas é muito elucidativa para analisarmos a ação de Otaviano dentro do cenário político romano, buscando fortalecer seu poder, mostrando que Roma era mais poderosa sobre os estrangeiros e que aqueles romanos que não desejavam a restauração da República estavam derrotados²⁶. Sem contar que retomar o domínio da província asiática era importante para a República, pois ela era uma região muito rica, sendo um dos ‘tesouros’ do Mediterrâneo, e importante para o comércio na região do Mar Negro.

²⁵ BELL, D. W. *Retratos e propaganda: faces de Roma*. Providence, Rhode Island: Brown University, 1989. p.128.

²⁶ O discurso de Otaviano era o de que ele estava restaurando a República, como bem podemos observar em algumas passagens de sua *res gestae*. Contudo, não podemos afirmar ao certo qual era a intenção de Marco Antônio, de restauração ou não, pois as fontes possuem um discurso aristocrático geralmente contrário a este triúviro, mostrando-o como um romano degenerado.



Imagem 2: Moeda de Otaviano em homenagem a conquista do Egito (RIC 0545);
- denário de prata;
- cunhada entre 28 e 27 a.C.;
- *Anverso:* CAESAR COS VI – cabeça de Otaviano;
- *Reverso:* AEGYPTO CAPTA – crocodilo;

No que se refere à segunda peça numismática selecionada, a em homenagem a conquista do Egito (**imagem 2**), observamos que, assim como a peça anterior, ela se trata de um instrumento de poder. A leitura das imagens e das legendas é de fácil acesso a todos. No anverso temos Otaviano representado como *CAESAR DIVI F[ilius]*²⁷ e seu título de cônsul, *COS VI*, ocupado pela sexta vez no ano de 28 a.C. Sua efígie é semelhante as demais representações nesse período, um jovem sem adereços. Quanto ao reverso, temos os dizeres *AEGYPTO CAPTA*, ou seja, o Egito capturado, e um crocodilo, símbolo comumente atribuído a esse reino, visto o rio Nilo ser um dos *habitats* desse animal, não comum em outras regiões mediterrânicas.

Simbolicamente falando, o reverso também é de simples compreensão, pois representa ao povo romano a conquista do Egito e sua conseqüente anexação às possessões ‘do Senado e do povo romano’. Cabe ressaltar a importância política de tal conquista. O Egito, que esteve na pauta de anexação durante décadas, finalmente havia sido capturado pelos romanos, no caso, por Otaviano, como o próprio expõe em suas *res gestae*, “anexei o Egito ao império do povo romano”²⁸. Temos a concretização de uma significativa conquista militar que se insere no fim de uma longa relação, de diversas naturezas, entre romanos e lágidas. Temos também, o que não poderíamos deixar de ressaltar, a ‘glorificação’ de Otaviano como vencedor da sua querela com Marco Antônio e o afastamento de uma ‘ameaça oriental’ personificada na

²⁷ Infelizmente na imagem que serve como ‘ilustração’ da peça em análise, a leitura de toda a legenda do anverso não se torna possível como em outras imagens da peça, mas que, no entanto, não possuem uma qualidade tão boa para servirem aqui como a imagem de ilustração.

²⁸ *Res Gestae*, V, 27.

pessoa de Cleópatra, rainha do Egito. Temos, se assim pudermos ler tal peça, da mesma forma, uma exaltação dos romanos, visto que Otaviano havia recebido um juramento de toda a Itália antes de lutar contra Marco Antônio em *Actium*. Sendo o filho do divino César, como inscrito no anverso, o responsável por conquistar a última grande região do Mediterrâneo, o Egito²⁹. Desse modo, mais uma região mediterrânica de grande importância passa para o domínio romano, algo que merecia ser celebrado. John Crook argumenta que a temática do *Aegyptio capta* foi essencial para a legitimação de Otaviano no cenário político romano³⁰.

Contudo, a forma escolhida para a representação da anexação do Egito às posses romanas não foi feita de um modo que pudesse, diretamente, remeter aos derrotados. Ora, o rico reino do Egito já havia sido palco de grandes reclamações e agitações contra os Ptolomaicos, como aconteceu, para se ter um exemplo mais próximo do nosso momento cronológico, com Ptolomeu Aulete, pai de Cleópatra, que tivera que fugir do Egito, em 58 a.C., e pedir ajudar aos romanos. Otaviano tinha que procurar mostrar de forma mais simples a dominação do Egito, pois mostrar que eles eram derrotados e inferiores poderia causar um grande descontentamento e prejudicar a efetivação da conquista. Desse modo, não há nenhum elemento que aluda ao fim do governo ptolomaico, à Cleópatra, ao próprio Marco Antônio ou a algum elemento político-religioso egípcio, mas uma simples representação de um crocodilo. Até porque a estrutura do antigo reino se mantivera em muitos pontos³¹.

Um ponto ainda não abordado é, como no caso da peça da reconquista da Ásia, um quinário, o presente denário tem sua cunhagem datada de 28 ou 27 a.C., o que é observável

²⁹ O Egito possuía um caráter tão especial que seu estatuto de província era diferenciado do das demais. Seu governo era exercido por um cavaleiro, o *praefectus Aegypti*, o primeiro deles foi Cornélio Galo, amigo íntimo de Otaviano, e a entrada de senadores nas terras nilóticas sem a autorização do príncipe chegou a ser proibida, como apresenta Tácito (*Anais*, II, 59). Talvez o intuito de Otaviano fosse evitar que um dos celeiros do Império, o qual possibilitou sua ampla política de distribuição de trigo à plebe urbana e um afluxo de capital ao seu tesouro pessoal, seu *patrimonium* (o qual permitiu ao príncipe amplas doações e ações em prol do povo romano, como algumas apontadas em suas *res gestae*), como apresentado por Suetônio (*Augusto*, 41), caísse nas mãos dos senadores como ocorreu com os demais *ager publicus*. Como expõe Sergio Donadoni, “o imperador reservou ciosamente a província do Egito à sua administração direta, negando ao Senado qualquer espécie de atribuição sobre ela” DONADONI, Sergio. O Egito sob dominação romana. In: MOKHTAR, Gamal. *História Geral da África: África Antiga*. Volume II. 2.ed. rev.. Brasília: UNESCO, 2010. p.192.

³⁰ CROOK, John. Political history, 30 B.C. to A.D. 14. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew (eds.). *The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire*, 43 B.C. – A.D 69. Tomo X. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.73-74.

³¹ Cf. HUZAR, Eleanor G. *Augustus, heir of the Ptolemies*. In: HAASE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard (eds.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. II. 10.1. Berlin / New York: Walter de Gruyter. 1988. p.343-382.

pelos títulos dos anversos. Momento crucial na cena política romana no qual Otaviano devolveu os seus poderes extraordinários adquiridos para o combate contra Marco Antônio e recebeu o título de *Augustus*. Isso reforça a carga informativa das presentes moedas. Por que Otaviano mandaria cunhar moedas que apresentam seus feitos militares em 28 a.C., sendo que eles haviam ocorrido em 30 a.C., quando da conquista de Alexandria, da morte de Cleópatra e Marco Antônio e do triunfo de *Actium* em Roma (este apenas em 29 a.C.)? Pensamos que há muito mais do que uma simples tentativa de preservação de uma memória militar. Isso demonstra os objetivos políticos em tais cunhagens, pois estas moedas são usadas enquanto espaços de expressão de uma mensagem cívica, a superioridade romana, e como instrumentos políticos de legitimação dos poderes e da superioridade de Otaviano em uma época tão crucial para ele, o da devolução de seus poderes especiais e o retorno a ser um *privatus*. Cunhar duas moedas com tal carga informativa em um período em que se busca se firmar no cenário político deve ser visto como uma possível artimanha político-ideológica, uma vez que a aparição das representações não se dá no momento subsequente à vitória militar, em 30 ou 29 a.C., mas posteriormente³². Também devemos ressaltar que, apesar do momento em que ela foi cunhada, não há uma referência a Otaviano como Augusto, apenas como César, nas legendas, o que pode ser considerado também como uma escolha política.

O próprio material em que ambas as moedas foram cunhadas é muito significativo. Ambas são de prata, um quinário e um denário. Esse material era utilizado nas moedas de grande circulação, as mais ‘cotidianas’ do povo romano. Assim, podemos pensar que as mensagens difundidas nas duas eram mais do que apenas remissões a fatos militares importantes, ou seja, a preservação de uma memória militar. O ouro seria muito mais indicado para cunhagens comemorativas devido ao fato de ser um material mais nobre que a própria prata. Com isso, até mesmo a escolha de qual moeda em que seriam cunhadas as mensagens nos faz corroborar a ideia de que ambas faziam parte de uma busca de reforço político do responsável pelas cunhagens, que eram mensagens feitas para circularem.

A apresentação da imagem de Otaviano de forma jovial e sem adereços nas duas moedas nos faz pensar sobre a iniciativa do então cônsul em se apresentar sem qualquer

³² Também não podemos deixar de considerar que outros assuntos e outros suportes para a representação de tais questões tenham sido tomados como mais importantes por Otaviano logo após seu retorno a Roma em 29 a.C., o que retardou a produção de peças numismáticas. E, além disso, a própria cunhagem era um processo mais demorado, o que pode ter ocasionado um aparecimento posterior das peças.

elemento que pudesse aludir a uma excepcionalidade dele dentro do cenário político romano, o que o diferenciaria dos demais aristocratas da República, apesar de seus feitos em prol desta não pertencerem à esfera de pequenas ações, mas sim de grandes feitos. Ora, aqui vemos outra maneira com a qual ele procura demonstrar aquilo que ele próprio argumenta anos mais tarde em suas *res gestae*, “vi-me à frente de todos pela autoridade (*auctoritas*), mas nenhum poder tive a mais do que meus outros colegas também investidos de cargos”³³. Ainda mais se tomarmos em consideração a época de cunhagem das duas peças, na qual ele voltaria a ser um simples particular a serviço da República.

Desse modo, a partir do cruzamento das duas moedas é possível observar que havia por trás das duas peças um discurso engrandecedor de Otaviano em oposição ao seu antigo rival, Marco Antônio (agora morto e, principalmente, derrotado), mesmo que velado. Após a derrota em *Actium*, Marco Antônio sofreu o processo de *damnatio memoriae*, como nos apontam textos antigos³⁴ e inscrições³⁵ da época. Portanto, recordar o triúmviro era delicado e interdito, porém, não deixou de ser possível. Otaviano agiu por meio das ações indiretas, comuns nesses primeiros anos posteriores a *Actium*, ao se remeter ao seu antigo rival e, com isso, estabeleceu as fronteiras da memória oficial relacionadas a Marco Antônio, que estava intimamente interligada à legitimação do novo regime, o Principado. E essas duas moedas, sobretudo a da reconquista da Ásia, reforçam o discurso existente na época do Triunvirato, de que Marco Antônio era um romano degenerado e que lutar contra ele era justo. Elas servem como dispositivos de memória nesse sentido, de possibilitarem a recordação de discursos existentes antes de *Actium*, sobre as ações contrárias a Roma que vinham sendo empreendidas por Marco Antônio e que poderiam causar a dominação da *Urbs* pelos egípcios. A ode 37 de Horácio, que é dessa mesma época das cunhagens, mostra esse tom e essas memórias ao redor dos feitos de Marco Antônio³⁶. Há nelas mais do que memórias das conquistas e reconquistas de áreas geográficas ou regimes políticos por Otaviano.

Assim, as moedas ainda trazem mais essa possibilidade de leitura, sendo objetos que compunham o processo de recordar o passado de Marco Antônio dentro do novo

³³ *Res Gestae*, VI, 34.

³⁴ PLUTARCO, *Marco Antônio*, 86, e *Cícero*, 49; DION CÁSSIO, *História Romana*, LI, 19.

³⁵ Algumas inscrições ainda se apresentam com o nome de Marco Antônio martelado, sendo o caso dos *Fasti Capitolini*, *Colotiani* e *Triumphales*. O *Fasti Veruliani* nos mostra a marca sobre o dia de nascimento, considerado impróprio.

³⁶ HORÁCIO, *Odes*, I, 37.

enquadramento da memória, nos termos de Michael Pollak³⁷, que estava sendo empreendido com a consolidação de Otaviano junto ao poder romano. Além de representar um reforço do pacto de Otaviano para com ‘o povo e o Senado romano’ e uma legitimação de sua posição na cena política romana por meio do uso desses pequenos espaços de difusão de mensagens cívicas. As possibilidades interpretativas dadas por estas peças, que não são conflitantes, do nosso ponto de vista, são imensas. Em um objeto tão pequeno temos uma carga simbólica tão vasta e de tão fácil acesso. Elas se inserem sim entre os principais instrumentos de poder de Otaviano em sua participação na cena política romana.

A partir de tudo aqui apresentado, observamos estas duas peças monetárias como importantes objetos na difusão da imagem e do discurso de Otaviano. Não podemos tomá-las apenas como objetos sem valor no qual há uma simples representação de um crocodilo ou mais uma imagem da deusa Vitória. Estas duas moedas são instrumentos do herdeiro de Júlio César na busca pela legitimação de seu poder e de sua posição diferenciada no seio da República romana, por mais que não seja esse seu discurso e até mesmo sua representação, lido de forma simples, nos anversos.

Fontes

DION CASSIUS. *Histoire romaine*. Texte établi, traduit et annoté par Marie-Laure Freyburger et Jean-Michel Roddaz. Paris: Les Belles Lettres, 1991/4.

HORACE. *Odes et épodes*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1946.

PLUTARQUE. *Vies*. Tome XIII. Texte établi et traduit par Robert Flacelière et Emile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1977.

Res Gestae Divi Augusti. In: *A Vida e os Feitos do Divino Augusto / textos de Suetônio e Augusto*. Trad. Matheus Trevizam; Antonio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SUÉTONE. *Vies des douze Césars*. Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 1931.

³⁷ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989. p.9-12.

TACITE. *Annales*. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier. Paris : Les Belles Lettres, 1974.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Manuel Odorico Mendes. Campinas: Atelie Editorial/Ed. Unicamp, 2005.

Numismática:

CRAWFORD, Michael H. *Roman Republic Coinage (RPC)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A.; SUTHERLAND, H. V.. *The Roman Imperial Coinage (RIC)*. Tomo I (de Augusto a Nero). Londres. 1923-1930.

Roman Republic Coinage – Disponível em:

<http://www.britishmuseum.org/research/publications/online_research_catalogues/rrc/roman_republican_coins.aspx>. Acesso em: 28 jul. 2017.

WildWinds – Disponível em: <http://www.wildwinds.com/coins/imp/marc_antony/i.html>. Acesso em: 28 jul. 2017.

Referências

ALFÖLDY, Géza. *A história social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980.

BELL, D. W. *Retratos e propaganda: faces de Roma*. Providence, Rhode Island: Brown University, 1989.

CORBIER, Mireille. Poder e parentesco: a família Julio-Claudia. *Clássica*. São Paulo. 1992/1993, 5/6. p.167-203.

CROOK, John. Political history, 30 B.C. to A.D. 14. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew (eds.). *The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D 69*. Tomo X. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b. p.70-112.

DONADONI, Sergio. O Egito sob dominação romana. In: MOKHTAR, Gamal. *História Geral da África: África Antiga*. Volume II. 2.ed. rev.. Brasília: UNESCO, 2010. p.191-212.

EDER, Walter. Augustus and the power of tradition. In: GALINSKY, Karl (org.). *The Cambridge companion to the Age of Augustus*. New York: Cambridge University Press, 2005. p.13-32.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *Faces da moeda*. São Paulo: Editora Olhares, 2009.

GALINSKY, Karl. *Augustan culture: an interpretive introduction*. New Jersey: Princeton University Press, 1996.

_____. Introduction. In: GALINSKY, Karl (org.). *The Cambridge companion to the Age of Augustus*. New York: Cambridge University Press, 2005. p.5-12.

GOODMAN, Martin. *The Roman world (44 BC – AD 180)*. New York: Routledge, 1997.

GRANT, Michael. *Roman history from coins: some uses of the Imperial Coinage to the Historian*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Lisboa: Edições 70, 2008. p.20.

HUZAR, Eleanor G. Augustus, heir of the Ptolemies. In: HAASE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard (eds.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. II. 10.1. Berlin / New York: Walter de Gruyter. 1988. p.343-382.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

SYDENHAM, Edward Allen. *The coinage of the Roman Republic*. New York: Arno Press, 1975.

YAVETZ, Zvi. The res gestae and Augustus' public image. In: MILLAR, Fergus; SEGAL, Erich. *Caesar Augustus: seven aspects*. New York: Clarendon Press, 1984. p.1-36.

ZANKER, Paul. *The power of images in the age of Augustus*. Ann Arbor: The University of Michigan Press. 1988.